

Apanhadores de Sol e Thorstein Veblen: A Construção Social do Lazer¹

Emma Pires²

Resumo

Este capítulo explora aspectos introdutórios acerca da instituição social do lazer. Para efetivar esta abordagem exploratória, faz-se uma demarcação exploratória da categoria, desde o seu contexto de senso comum, às suas dimensões etimológicas e sociológicas. Especificamente, a resenha aqui apresentada pretende ser um convite, e uma nota de enquadramento, à leitura de *The Theory of the Leisure Class*, de Thorstein Veblen (1992 [1899]).

Palavras-Chave: Lazer; Sociologia; Thorstein Veblen

“Levar um livro no bolso ou na mochila, particularmente em alturas de tristeza, é estar em posse de um outro mundo, um mundo que pode trazer-nos felicidade. [...] [A]s palavras [...] são como a água ou as formigas. Nada pode penetrar nas rachas, buracos e fendas invisíveis da vida com a rapidez e minúcia com que as palavras o fazem. É nessas fendas que a essência das coisas – as coisas que nos tornam curiosos em relação à vida e ao mundo – pode ser apurada”
Orhan Pamuk (2009, p. 122-123).

“«Torne-se apanhador de sol semiprofissional»: Jogue na raspadinha super pé-de-meia e habilite-se a 2.000 € / mês durante 12 anos. [...] Um complemento extra que não só pode aumentar o seu pé-de-meia, como ainda pode transformar a sua vida, tornando-a mais simples”, (*in Público*, 3 Setembro 2012, p. 9).

Este texto é um convite à leitura. Aqui, exploraram-se ideias acerca a construção social do lazer, no contexto das ciências sociais e, em particular, no campo da sociologia.

O ponto de partida para este questionamento foi um encontro forjado numa tarde de inverno em Évora, entre um grupo de estudantes, uma antropóloga (eu), uma socióloga (Maria Serrano), e um conjunto de fragmentos de leitura a Thorstein Veblen, e ao seu trabalho *The Theory of the Leisure Class* (1992). É por isso mesmo que este capítulo é um convite à leitura de Thorstein Veblen. O esquisso daquela sessão, que teve uma existência efémera enquanto aula aberta no dia 18 de dezembro de 2012, e que foi desenhado para um público composto por estudantes de

¹ Universidade de Évora – Escola de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia & Centro em Rede de Investigação em Antropologia – Instituto Universitário de Lisboa (email: epires@uevora.pt).

² Este texto é dedicado à memória de Rosária Paixão Casinha.

sociologia, foi parcialmente modificado de modo a permitir a transição da sua forma oral inicial para a forma escrita que aqui se apresenta.

Quem se atrever nesta leitura, deve ter em conta que este texto não é senão um guião de exploração sobre a construção social do lazer, tomando como anzol de leitura sociológica o trabalho de Veblen. Deve, por isso, ser lido em articulação direta com livro em apreço, e em particular, com o capítulo 3 dessa obra. Aos leitores mais habilitados no manuseamento da língua inglesa, aconselha-se a leitura de Veblen na versão original, que permitirá enquadrar o texto no contexto linguístico de produção original. Para os estudantes com menor literacia linguística em inglês, sugere-se a leitura de uma das versões traduzidas da obra. Todas as versões podem ser consultadas na biblioteca geral da Universidade de Évora.

1. Apanhadores de Sol



Fig. 1: *Torne-se apanhador de sol semiprofissional*, In *Público*, 3 Setembro 2012, p. 9.

Esta imagem apresenta fragmentos de um anúncio publicitário que circulou em Portugal durante 2012 e 2013, o qual promovia o consumo de um produto. O anúncio mostra a fotografia encenada de um homem usando roupas desportivas, óculos de sol e um chapéu de palha. O homem está sentado numa cadeira espreguiçadeira, tem creme no nariz, os braços cruzados dispostos junto da nuca, e uma expressão facial sorridente; a

impressão com que ficamos ao ver o anúncio é que a sua principal atividade é apanhar sol. Esta ausência de qualquer outra atividade é aparentemente uma consequência de ter comprado o produto visível no anúncio publicitado: “*raspadinha super-pé-de-meia*”. Este produto é vendido pelo valor pecuniário de cinco euros, e consiste num rectângulo de cartão colorido, o qual, depois de raspado na sua superfície, torna explícita a existência de uma grelha de figuras impressas; a combinação de algumas destas figuras, atribui prémios aos jogadores. O mais valioso dos prémios a auferir é a quantia de 2000 euros por mês durante 12 anos. Este valor pecuniário é descrito como “*um complemento extra que não só pode aumentar o seu pé-de-meia, como ainda pode transformar a sua vida, tornando-a mais simples*” (in *Público*, 3 Setembro 2012, p. 9).

2. De que falamos quando falamos de “Lazer”?

Uma resposta ampla a esta pergunta convidaria a situar brevemente os conteúdos semânticos da palavra e as suas variações no espaço, tempo e contextos sociolinguísticos. Com efeito, diferentes comunidades linguísticas têm encontrado maneiras diversas de emoldurar a palavra (e a categoria) “lazer”. Vejamos alguns exemplos destas variações: para os falantes de castelhano, o lazer é “*Ocio*”; em língua francesa é “*Loisir*” e para os falantes de inglês é ‘*Leisure*’; na língua alemã, a expressão mais aproximada é “*Freizeit*”, que significa, literalmente, tempo livre (“*Frei*”+*zeit*”) (Soneiro, 1991).

De acordo com o *Diccionario da Língua Portuguesa*, lazer significa: “vagar; ócio; descanso; repouso (do latim *licere*, «ser permitido»)” (In *Diccionario da Língua Portuguesa*, 2010, Porto Editora, pp. 965). As quatro acepções da palavra lazer apresentadas têm significados parcialmente sobreponíveis, mas não são totalmente sinónimas. “Vagar” remete-nos para uma temporalidade esvaziada de ação: “ter vagar”; o segundo significado tem uma conotação valorativa mais clara: dizer, acerca de alguém, que essa pessoa é “um ocioso”, carrega a ação (ou a inação) do portador do adjetivo com uma carga valorativa concreta; “descanso” e “repouso”, por sua vez, encontram sobreposições semânticas muito aproximadas. Situemo-nos nesta última acepção do termo, e façamos uma incursão para fora dos contextos linguísticos. Quando a palavra repouso é usada, ela pode designar inações aplicadas a pessoas, mas também a outros seres vivos que não apenas os humanos.

Consideremos agora por momentos o reino vegetal. A palavra “repouso” pode ser aplicada a aspectos de processos de apropriação social da natureza intervencionada por seres humanos. É o que acontece quando, por exemplo, os terrenos agrícolas são colocados em pousio. Esta prática é uma modalidade vernacular de uso da terra; com modos de exploração comumente enquadrados por formas de economia agrícola de subsistência, é particularmente útil em situações em que os solos são mais pobres, como acontece com alguns dos solos do sul de Portugal. A terra arável é dividida em três folhas (parcelas) de igual dimensão e que serão cultivadas de um modo rotativo. Obedecendo a um ritmo que é do conhecimento dos agricultores e seus pares, cada uma das parcelas é colocada alternadamente em pousio (repouso) durante um período de tempo. Enquanto esta primeira parcela está inativa, em repouso, uma segunda parcela de terra é usada para o cultivo de vegetais para consumo humano; esta terra é portanto a mais agricultada no presente momento, sendo aquela que em seguida será posta em pousio; a terceira parcela de terra é usada para plantação de outras espécies vegetais que não são consumidas pelos humanos mas quem têm outros usos quotidianos. Uma das plantas que é usada com frequência nesta terceira parcela é o tremoço, espécie que é conhecida por contribuir para alimentar o solo com importantes nutrientes, entre eles o azoto.

A razão porque trazemos o presente exemplo aqui é questionarmos a existência de uma sequência subjacente ao trabalho-pausa/repouso/descanso-trabalho no movimento de apropriação das terras que são postas em pousio, em repouso. Este repouso, antecede o rito propiciatório (Bourdieu, 2002) da nova intervenção reinstaurando um novo ciclo de produção agrícola e de intervenção humana no território, o qual segue um ritmo da natureza e da cultura. Argumentamos que aqui é claramente visível uma sequência encadeada de ação-pausa-ação, processo que é comparável a outras esferas da acção humana e da interação em sociedade.

Transitando do reino da natureza intervencionada pelo homem para o domínio das artes, em particular o campo da música, detenhamo-nos por momentos num segundo exemplo dessa sequência encadeada. Observemos este fragmento da Quinta Sinfonia de L. Van Beethoven:



Fig. 2: Fragmento de partitura, 5ª Sinfonia, L.V. Beethoven ©

Sabemos hoje que Beethoven criou grande parte da sua obra musical quando já ensurdecia, na sua casa em Bona (Alemanha). Apesar disso, a linha melódica que é visível na figura 2 representa um dos mais famosos fragmentos da história da música clássica europeia. O fragmento é composto por intensidades plurais de sons, silêncios, e suas variações multifacetadas. A estrutura da melodia é entrelaçada por um ritmo equilibrado de silêncios/pausas e sons/movimentos. Na forma escrita do presente texto, esta demonstração é apenas *visível/audível* para os leitores com literacia na leitura de partituras. Na aula de 18 de Dezembro de 2012 esta linha melódica foi reproduzida auditivamente para demonstração da relação entre pausas e sons. Sugere-se, por isso, a audição desta sinfonia de Beethoven como enquadramento à ilustração do argumento que temos vindo a desenhar. As pausas, os silêncios, neste contexto, são elementos estruturantes da linha melódica, e da estrutura rítmica, da composição musical; permitem dar escala à ação dos instrumentos musicais, ao movimento dos sons.

E neste momento, alguém perguntaria: mas o que tem tudo isto a ver com ciências sociais, sociologia e com o lazer? Essa pessoa ganharia um *voucher* para uma viagem até ao nosso tópico central, expresso no título deste capítulo. Exploremos então a instituição social do lazer, apanhando boleia de um dos autores pioneiros na sua análise.

3. Thorstein Veblen

A perspectiva de Thorstein Veblen é o nosso ponto de partida para a continuação desta viagem. Mas, antes de espreitarmos a sua obra, vale a pena acercarmo-nos, por momentos, da pessoa que escreve o livro.

Localizado nos Estados Unidos da América do Norte, filho de um imigrante norueguês, Veblen viveu há mais de cem anos (nasceu em 1857 e faleceu em 1929). A sua sociedade de referência pode parecer-nos hoje muito distante da nossa, no tempo e no espaço. Mas talvez nos sintamos mais próximos do autor se nos apercebermos das permanências que ligam os tempos que vivemos aos tempos por ele vividos. Por exemplo, se soubermos que, quanto a gerir as expectativas na busca de trabalho, Veblen não se insere no modelo de sucesso difundido pelo sonho americano, e, como nos lembra Charles Wright Mills, ele foi na verdade um exemplo de fracasso durante grande parte da sua vida (Mills, 1992, p.viii). Sabemos assim também que o desemprego também fez parte do seu percurso, enquanto jovem, tendo ficado a viver em casa do pai, depois de terminar os estudos de doutoramento (Mills, 1992, p. ix).

O mundo social do final do século XIX e início do século XX, sobre o qual Veblen escreve, sofreu uma transformação em 1929, com a crise e o *crash* da bolsa de Nova Iorque, dando lugar à grande depressão que sucedeu aos loucos anos vinte. Thorstein Veblen, contudo, já não viveria para contar como os homens e mulheres do seu país se ajustaram a esses novos tempos e os seus efeitos socioeconómicos.

A Economia e a Sociologia, secundadas pela Antropologia e a História, são aliás as ciências sociais mais presentes na sua análise do lazer, enquanto instituição na sociedade americana do seu tempo. É nesse contexto que o autor vai desenhar a sua perspectiva sobre os contornos da instituição social do lazer. Segundo o autor:

O propósito deste inquérito é discutir o lugar e o valor da classe ociosa na sua qualidade de factor económico da vida moderna; considerou-se porém impraticável confinar rigorosamente a discussão a limites assim traçados. Deu-se uma certa dose de atenção à origem e à linha de derivação da instituição, bem como às características da vida social não comumente classificadas de económicas³ (Veblen, 1965, p. 9).

³ A versão original deste excerto de Veblen é a seguinte: “It is the purpose of this inquiry to discuss the place and value of the leisure class as an economic factor in modern life, but it has been found impracticable to combine the discussion strictly within the limits so marked out. Some attention is

Inspirado pelas abordagens evolucionistas em voga no seu tempo, Veblen escrutina então ao longo do livro, os aspectos evolutivos e contemporâneos da instituição lazer, assim como os contornos sociais da por si designada como classe de lazer (ociosa). Enfatizando o carácter diacrónico e processual da instituição social do lazer, o autor anota que:

Desde o tempo dos filósofos gregos até hoje, reconheceram os homens ponderados, como requisito de uma vida digna, bela ou mesmo virtuosa, que é preciso ter um certo lazer e estar livre do contacto com certos processos industriais ligados às necessidades quotidiana da vida humana (Veblen, 1967, p. 49). Sem dúvida, em grande parte, este valor direto e subjetivo é [...] em grande parte um reflexo da utilidade do lazer como um meio para obter o respeito dos outros⁴ (Veblen, 1965, p. 49-50)

Se ficamos a saber para que serve o lazer na sociedade observada por Veblen, ficamos ainda mais a saber que o termo lazer, para Veblen, “não implica indolência nem quiescência. Significa simplesmente tempo gasto em atividade não produtiva⁵” (Veblen, 1965, p.54). De acordo com o autor:

A instituição da classe ociosa, mesmo que não tivesse surgido juntamente com a propriedade individual, por força da desonra ligada às atividades produtivas, teria sido de qualquer modo uma das primeiras consequências da propriedade⁶ (Veblen, 1965, p. 50).

perforce given to the features of social life that are not commonly classed as economic” (Veblen, 1992, p. xx)

⁴ A versão em língua inglesa, mostra-nos o texto no seu contexto (os sublinhados são acrescentados): “From the days of the Greek philosophers to the present, a degree of leisure and of exemption from contact with such industrial processes as serve the immediate everyday purposes of human life has ever been recognized by thoughtful men as a prerequisite to a worthy or beautiful, or even a blameless, human life. In itself and in its consequences the life of leisure is beautiful and ennobling in all civilized men’s eyes.

This direct, subjective value of leisure and of other evidences of wealth is no doubt in great part secondary and derivative. It is in part a reflex of the utility of leisure as a means of gaining the respect of others, and in part it is the result of a mental substitution” (Veblen, 1992, p. 42).

⁵ “the term “leisure”, as here used, does not connote indolence or quiescence. What it connotes is non-productive consumption of time. Time is consumed non-productively (1) from a sense of the unworthiness of productive work, and (2) as an evidence of pecuniary ability to afford a life of idleness. (Veblen, 1992, p.46).

⁶ “if the institution of leisure class had not come in with the first emergence of individual ownership, by force of the dishonour attaching to productive employment, it would in any case have come in as one of the early consequences of ownership. (Veblen, 1992, p. 43).

Encontrada esta relação de causalidade por alguns autores, depreendemos assim que “A desnecessidade de trabalhar não é só um acto honorífico e meritório; passa bem logo a constituir um requisito da decência⁷” (Veblen, 1965, p. 52). E, acrescenta, Veblen, esta desnecessidade de trabalhar é segundo ele a “prova evidente de riqueza” e como tal a marca convencional de posição a que pertence a pessoa na hierarquia social (Veblen, 1992, p. 44).

Para além de Thorstein Veblen, também Herbert Spencer (1820-1903), cientista social e sociólogo britânico contemporâneo do primeiro autor, problematiza sobre a vida social e encontra espaço nas suas obras para dedicar algum espaço à instituição a que hoje damos o nome de lazer. No seu livro, *O progresso: sua lei e causa*, o autor, que escreve a partir de Brighton, no sul de Inglaterra, anota que com o advento da locomotiva, gera-se a democratização do comboio que, ao permitir a diminuição dos preços de transporte, permite que o acto de viajar se democratize gradualmente. Como refere Spencer: “generaliza-se o costume de viajar. Pessoas que nunca tinham pensado em se deslocar de um certo ponto fazem excursões anuais às praias, visitam os amigos que vivem longe, empreendem viagens de recreio, - o que é muito benéfico para a saúde, para a sensibilidade e para a inteligência” (Spencer, 1939, p. 85). Sabemos hoje que o turismo e excursionismo são duas das modalidades de lazer em que são inseríveis as muitas atividades de lazer na contemporaneidade. No tempos de Spencer e Veblen, a instituição social do lazer era um reflexo de um tempo, de um espaço e de um enquadramento socioeconómico e cultural. Na contemporaneidade globalizada em que vivemos, também o é, não obstante as nuances diferenciadoras que hoje experimentamos.

4. Pretérito presente: a construção social do lazer

Cem anos depois do livro de Veblen, o sociólogo Chris Rojek, no seu livro *Decentring Leisure* (Rojek, 1995), apresenta uma proposta teórica de reavaliação crítica da instituição social do lazer, em perspectiva sociológica. Em concreto, este autor propõe um descentramento do nosso olhar: convida-nos a movermo-nos de um entendimento do lazer em sentido restrito, para o contexto mais amplo em que ele é produzido, reproduzido e praticado. As vertentes mais formalistas da análise sociológica do lazer

⁷ “Abstention from work is not only an honorific or meritorious act, but it presently comes to be a requisite of decency. [...] Abstention from labour is the conventional evidence of wealth and is therefore the conventional mark of social standing” (Veblen, 1992, p. 44).

preconizavam uma categorização de lazer tomada enquanto janela da autodeterminação individual, desenhada em contraponto face ao trabalho (Ferreira, 1995). Mas Rojek mostra-nos um lado mais complexo da instituição lazer. Entendida enquanto categoria cultural, toda e qualquer atividade de lazer estabelece relações sociais complexas, que muitas vezes envolvem tensões entre interesses e agentes com posições que, por vezes, são bastante contraditórias; e aí, nesse contexto, desenha-se o sistema de relações socialmente reguladas a que chamamos lazer (Rojek, 1995), que são pelo autor designadas enquanto tempos socialmente condicionados, cuja liberdade e flexibilidade existem em relação a determinados contextos sociais (Rojek, 1995). Esta abordagem permite, nas palavras deste autor, um descentramento dos estudos de lazer na contemporaneidade: “By committing ourselves to decentring leisure we emancipate leisure from the modernist burden of necessarily connoting freedom, choice, life-satisfaction and escape with leisure (Rojek, 1998, p.192).



Fig. 3 *Sem título*. ©Ema Pires (2008)

O aspecto mais fascinante da análise de Veblen e da sua existência enquanto cientista social, é a atualidade e contemporaneidade do seu trabalho. Veblen tem uma grande capacidade de analisar, de um modo crítico, a sociedade americana do seu tempo. É particularmente hábil a dissecar os fenómenos imbricados da América do seu tempo. Fenómenos que, como veremos na leitura ao capítulo 3 da obra em apreço, ligam os

seres humanos e as suas práticas quotidianas, descansando, trabalhando e encontrando sentidos para os mundos sociais em que circulam, ou em que desejam circular.

Num tempo em que a instituição social do lazer tinha ainda um lugar residual nas agendas de pesquisa dos cientistas sociais seus contemporâneos, o trabalho de Veblen é um alicerce importante para compreendermos, na contracorrente dos objetos mais óbvios do olhar sociológico, a centralidade desta categoria no nosso modo de conceber o mundo social e interagir no seio dele. Independentemente de sermos “apanhadores de sol”, turistas, ou estudantes de sociologia.

Questões de Reflexão

1. Porque é que podemos referir-nos ao lazer como uma instituição social?
2. A que se refere Thorstein Veblen quando situa conceptualmente o “lazer”?
3. Parece-lhe que os “apanhadores de sol” das figuras 1 e 3 poderiam ser categorizados como membro da “classe ociosa” descrita por Veblen? Porquê?
4. De que maneira a noção de “lazer” proposta Rojek se aproxima ou afasta da noção de lazer proposta por Veblen?
5. Qual é o lugar das práticas de lazer na sociedade contemporânea? Exemplifique.

Referências Bibliográficas:

- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma Teoria da Prática*, Oeiras: Celta Editora.
- Ferreira, C. (1995). “Recensão” (Chris Rojek, *Ways of Escape. Modern Transformations of Leisure and Travel*), *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 43, pp. 197-201.
- Pamuk, O. (2009) [2007]. *Outras cores: ensaios sobre a vida, a arte, os livros e as cidades*, Lisboa: Editorial Presença.
- Mills, C.W. (1992). “Introduction”, in T. Veblen *The Theory of the Leisure Class*, New Brunswick/London: Transaction Publishers, pp. xi-xix.
- Rojek, C. 1998 (1995). *Decentring Leisure*. London: Sage.
- Soneiro, J. C. (1991). *Aproximación a la Geografía del Turismo.*, Colección «Espaços e Sociedades», Madrid: Editorial Síntesis, pp. 11-21.

Spencer, H. (1939 [1857]). *Do Progresso: sua lei e causa*, [Tradução e nota prévia de Eduardo Salgueiro], Lisboa: Editorial Inquérito, Lda.

Veblen, T. (1965 [1899]). *A Teoria da Classe Ociosa* (um estudo económico das instituições), São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

Veblen, T. (1992 [1899]). *The Theory of the Leisure Class*, New Brunswick/London: Transaction Publishers.

Outros Documentos:

“Beethoven Symphony5” [Excerto de Partitura]

http://www.8notes.com/school/riffs/violin/beethoven_symphony5.asp [último acesso em 18 de Dezembro de 2012]